

# DEUS SEM PODER?

FERNANDO ALTEMEYER JÚNIOR

**Abstract:** This paper sheds new lights on the reflexion upon the power of God, keeping at a distance the most institutional interpretations. Thus, excerpts from the Gospels are used in order to demonstrate how the love of Jesus arises, in many nuances, distant from the notion of power as we are used to considering it.

Quando dizemos Deus, evocamos imediatamente poder, força, faculdade, capacidade, direito, permissão e, sobretudo, a força de mando sobre tudo e todos. Na liturgia cristã ocidental dizemos a cada prece “Deus todo poderoso” como a forma ritual e orante mais comum de pensarmos e nos dirigirmos ao ser divino. É quase impossível pensar em falar com Deus no mundo cristão sem incorporar a idéia de que Ele é todo-poderoso. Este atributo divino nos vêm traduzido do termo grego *pantocrator*. Mas seria *pantocrator*; de fato, melhor traduzido por Senhor todo-poderoso? Não seria melhor se traduzíssemos o termo grego pelo latino *omni-tenens*. Assim, em lugar da tradução convencional *omni-potens* – o que tudo pode, todo poder –, poderíamos assumir o termo *omni-tenens* – aquele que tem tudo em suas mãos de forma aconchegante e não mãos portadoras de cetos de ferro?

Não teriam os eclesiásticos e clérigos que exercem o poder religioso, e muitos dos professores de teologia, limitado o cristianismo à uma religião do *status quo*, menosprezando a realidade divina que supera os mecanismos institucionais e da qual estes eclesiásticos deveriam ser apenas intérpretes? Teríamos projetado em Deus, e na linguagem sobre Ele, nossos desejos humanos de poder? Teríamos criado estruturas históricas de poder que negariam o próprio Deus paradoxalmente em nome dele? E o que os

---

Fernando Altemeyer Júnior é professor de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.

hermeneutas institucionais fizeram da fala de Jesus que propunha um deus humilde capaz do perdão? Que foi feito do "...grão de trigo que deve morrer para dar muito fruto", do "...quem perde sua vida, salva-a!" E que fazer com a norma evangélica: "primeiros serão últimos e últimos serão primeiros".

Penso que tais perspectivas são negligenciadas e obscurecidas porque incômodas, ou, quiçá porque incômodas foram sendo olvidadas. Um Deus sem poder e no entanto que tudo tem em suas mãos é incompreensível por quem exerce poder de forma autocrática e piramidal.

Uma eventual fraqueza celeste ou uma impotência do ser divino geraria que tipo de conseqüências ao próprio Deus e à humanidade? Devemos colocar-nos esta questão de forma Reverencial, mas objetiva. Sabendo que a noção de poder inclui a idéia de relação entre pessoas e seres (*potestas*, em latim), como verificar concretamente quem é esse que pode ser chamado de dono do ser (*potis – esse*)? E na medida em que os seres humanos assumem plenamente o seu ser estaríamos em conflito com que tipo de deuses? Um homem com poder determinaria a morte de Deus? E o Deus pleno de poderes seria o responsável pelos fracassos e fraquezas humanas? Diante do atual avanço da biotecnologia podemos vislumbrar homens-deuses quando for concluído o projeto Genoma? Seríamos capazes de gestar outros deuses? Ou ainda, de forma radical, seríamos capazes de aniquilar deuses e articular pelo ateísmo teórico a morte de Deus?

Reconsiderar a idéia de poder em Deus significará buscar novos deuses poderosos em universos paralelos ou em novas galáxias? Ou por razões práticas abandonamos o debate sobre o poder de Deus? Seríamos melhores se Deus fosse menor ou fraco? Seríamos mais plenos se Deus fosse fraco? Seria a fraqueza de Deus um pesadelo do imaginário humano? Ao falar de um Deus sem poder, como articulá-lo com a parábola do Pai pródigo em sua mensagem de amor diferencial?

Mas, falar de um Deus sem poder exige que digamos qual poder é este que Ele não têm? Seria possível pronunciar o nome Deus sem estarmos presos de forma preconceituosa à armadilha da onipotência? É permitido um pensamento diferenciado quando temos tão arraigadas as idéias do motor imóvel, de um poder absoluto e da primazia celeste sobre tudo que existe? Textos como o *Salmo* (62, 11, João 19, 11) e *Romanos* (13, 1) são clássicos e fizeram escola na sustentação da imagem de deus onipresente e poderosa? Podemos pensar de outra forma? Esta maneira de pensar poderia ser considerada também ortodoxa? Por que os nomes divinos como

Altíssimo, Goel, Shadday, Elohim suplantaram nomes menos imponentes como Emanuel, Yahweh e Ruah? Não esqueçamos, outrossim, que os anjos demoníacos são chamados de “principados e poderes” (*Efésios* 1, 21, Cl 1, 16) e que Satanás é chamado de “príncipe do poder do ar” (*Efésios* 2, 2). Mereceria o título de divino um ser desprezível e de face machucada como o apresentou o profeta Isaías em seu segundo livro?

Se o poder ausente em Deus fosse o poder econômico, que Deus seria Ele? Tornar-se-ia um Deus despossuído. Não seria esta a concepção mais adequada de um Deus criador distinto de toda obra criadora? Um Deus sem posses e sem mercadorias exigiria sempre que não o considerassem dentro de categorias de senhor e proprietário. Javé, como nome de Deus, é a bela expressão nominal daquele que é o que é, foi o que foi e será o que será sem ser possuidor de nada e obviamente sem ser possuído. Ao acompanhar no êxodo o povo sem posses, sem terra, sem mercadorias, sem pão fermentado ou sequer pratarias, cavalos e roupas finas, não estaria o Deus bíblico assumindo uma identidade anti-idolátrica (aqui entendida como crítica simbólica ao modo de produção que favorece uma classe pela exploração de outra)?

Vejam os livros do *Eclesiástico* (capítulo 34). O pão roubado dos pobres impede o verdadeiro culto a Deus e o seu reconhecimento como Deus de todos, e transforma o explorador em assassino de seu irmão, portanto em um ateu do Deus verdadeiro. A questão do pão partido e repartido é fundamental para conhecer o Deus vivo e verdadeiro apresentado pela Bíblia. Na páscoa celebrada com pães ázimos, cordeiros imolados, ervas amargas e na austeridade econômica dos ex-escravos hebreus vemos um Deus sem poder, defensor de uma nova economia e de uma forma outra de experimentar o bem por Ele mesmo criado. Se tudo respira Deus e os vestígios da Trindade estão em toda parte, o poder econômico de Deus é desnecessário se atrelado às formas convencionais de dominação e alienação.

E se o poder ausente for o poder político? Tornar-se-ia este deus um Deus impotente, um messias excluído, um profeta desprezado, um pária social ou um ator de uma outra ordem, cenário ou Reino. Gritavam os soldados romanos: “...se és Filho de Deus, desce da cruz (*Mateus* 27, 40). Para justificar este paradoxo Santo Agostinho diz que “...não havia perdido o seu poder, mas antes dava prova de paciência e de humildade (*Sermão* 340, 5)”. Sem poder político, este deus faria tombar a teoria dos dois poderes (político e religioso) nas chamadas sociedades perfeitas, teoria que serviu como modelo de sustentação à cristandade ocidental. Teriam

os cristãos, após o edito imperial de Constantino, assumido uma interpretação abusiva “poder das chaves” (*Mateus* 16, 18) entregues ao apóstolo Pedro? Teriam colocado sobre Jesus uma coroa imperial em substituição à coroa de espinhos? Teriam feito rei aquele que, historicamente, jamais quis sê-lo? Os constantes massacres e genocídios retiram poder a Deus?

E diante do recente holocausto dos judeus, que é uma chaga aberta na humanidade, muitos anunciam a morte de Deus ao questionarem a ausência de sua mão vigorosa que ontem agira no Egito, e que hoje parece haver perdido seu poder de intervenção. Que é feito do poder de um Deus que não age? Porque não salva os seus eleitos ou ao menos os inocentes? Por que se cala diante da injustiça? Por que permite a ascensão de genocidas e ditadores? Seria o Deus cristão um Deus derrotado do ponto de vista histórico e político, um Deus derrotado na encarnação, na história política de seu tempo e de forma real pela cruz da tortura? Não seria esta ausência de poder político que freqüentemente o Apóstolo Paulo proclamava em toda Ásia Menor e na capital do Império, ao dizer “...que é loucura crer neste Deus crucificado”, e ainda assim ele se pôs a pregá-lo a gregos e romanos que buscavam a sabedoria?:

... anunciamos Cristo crucificado que, para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens e o que é fraqueza de Deus é mais forte que os homens. (*Coríntios* 1, 23-25)

Este Deus derrotado e frágil lembra-nos a frase ácida de Diderot: “...um deus que faz morrer um deus para apaziguar um deus”. Poderíamos ilustrar a falta de poder de Deus na cena exemplar do debate político entre Jesus e o príncipe do Inferno, o Diabo ou acusador nas lendárias tentações no deserto. Vejamos o *Evangelho segundo Mateus* (4, 1-11). Jesus não transforma pedras em pães, não aceita jogar-se do alto do Templo e não aceita governar o mundo se o preço fosse submeter-se ao tentador. O final enigmático fala de anjos servindo aquele que não tem poderes, mas que assim mesmo vence o príncipe do mal. No livro dos Reis vemos a cena do profeta Elias buscando por Deus no vento forte e encontrando-o, afinal, em uma brisa leve. Nos evangelhos vemos Jesus solidarizar-se com os sem poder, e morrer na cruz por coerência aos excluídos.

Sem qualquer poder político, celebra estranha e inovadora aliança entre um Deus sem poder com um povo sem poder. Serão as prostitutas e os analfabetos galileus os primeiros a experimentar o cenário da ressurreição.

Assim é relatado no livro dos *Atos dos Apóstolos* na proclamação do Apóstolo Pedro: este Deus assassinado num “complô” político foi feito Senhor por seu Pai Eterno. No entanto, este anúncio de um Deus sem poder continuou sendo desafiante. Ainda hoje, é difícil conceber e anunciar um Reino em cujo trono se assente um “cordeiro imolado”.

E se este Deus não possuísse poder ideológico? Seria Ele um Deus rebelde, um Deus utópico? A idéia que possuíssemos de um Deus anti-ideológico consolidaria em nós sonhos impossíveis diante da corrente avassaladora do possível? A cena bíblica da mulher hemorroísa, narrada no *Evangelho segundo Lucas* (capítulo 8) diz ser a própria mulher a autora da própria cura depois de um toque íntimo do homem-Deus<sup>1</sup>. Ela se cura por sua fé e gera uma inversão de expectativas nas forças transferidas entre Deus e o humano. Que dizermos da cena da lapidação pública da adúltera? Quem teria comovido a quem? Quem de fato decidiu e teve o poder moral e sedutor neste relato evangélico? Qual foi a pregação de analfabetos e camponeses no século primeiro da era cristã, que gerou espanto pela audácia (*parresía*) dos apóstolos diante dos doutores da lei e escribas do Templo? Assumir a aniquilação de Deus, como o fez Paulo em seu hino teológico escrito aos Filipenses, é a melhor maneira de resgatar a nudez de Deus e perceber um Deus na forma como Ele próprio quis ser conhecido. Sem qualquer glória e adjetivos ideológicos, mas em sua identidade pessoal e comunicativa, como lembrou Martinho Lutero:

... Ele quis ser conhecido por seus sofrimentos..., na humildade e na ignomínia da cruz... logo, é no Cristo crucificado que reside a verdadeira teologia e o conhecimento de Deus. (*Controvérsias de Heidelberg*, MLO, I, pág. 136)

A Bíblia nos apresenta diferentes figuras deste Deus paradoxal e livre. Aquele descrito no livro do profeta Jonas é capaz de mudar de opinião, e inclusive de decisão, em razão de seu amor por um povo que se converta, mesmo que pagão. A novela de Jó e seu embate com Deus e com os falsificadores de Deus nos oferece a verdadeira identidade do homem. O humano adquire a estatura do divino. Jó fala do estranho poder (10, 16) deste Deus misterioso; de sua relação entre sabedoria e poder (12, 13); da paz como resultado de sua majestade (25, 2); da incapacidade humana de compreender tal poder (26, 14), e, enfim, do caráter sublime

---

1. *in Lucas*.

do poder divino (36, 22). Podemos dizer que a compaixão é uma das outras maneiras de falarmos do poder de Deus. O próprio Orígenes nos lembra sobre a passibilidade de Cristo e paixão do próprio Pai Eterno:

“...O Pai, ele mesmo, não é impassível. Ele sofre uma paixão de amor...” (Homílias sobre Ezequiel 6, 6) Poderemos inclusive retomar a luta suspensa de Jacó com o anjo do Senhor, como vem relatada no livro do *Gênesis* (capítulo 32, 23-33).

Precisamos sempre aprender do próprio Deus quem ele é. Que este Deus é um deus digno do humano, um Deus compassivo e amoroso, um Deus *capax homini* (Deus capaz do homem). Este Deus merece existir e quer fazer aliança com a humanidade. Ele é um Deus que quer ver nosso rosto, quer lutar conosco e quer que nos aproximemos de seu olhar, que quer ver-se impresso no lenço da Verônica deixando marcas indeléveis de sua entrega, enquanto os véus poderosos dos templos, daqueles que detêm os poderes mortíferos, rasgam-se ao meio (*Mateus* 27, 51). Este seria um Deus dialogante, diferente daquele que não falou com Sartre: “...Eu não reconheci este que minh’alma esperava: eu necessitava um Criador, mas me ofereceram um Grande Patrão.”<sup>2</sup> Precisamos, a fortiori, de um cristianismo que fosse centrado e equilibrado neste Deus digno e dignificante. E precisamos de uma Igreja que se inspirasse na música de Mozart, como o descreve o teólogo reformado suíço Karl Barth:

...Aí não há luz que não conheça escuridão, não há alegria que não encerre também em si mesma o sofrimento; não há susto, ira, queixa, aos quais não se somem, de perto ou de longe, a paz. Não há riso sem lágrimas, nem lágrimas sem riso.<sup>3</sup>

Assim, seríamos rerepresentados a este Deus sem poder, por aquelas mulheres e homens que fazem quotidianamente uma experiência pessoal dele. Se queremos falar deste Deus, necessitamos pedir audiência aos seus amigos íntimos. Poderíamos começar com Abraão que o recebe para comer em sua tenda, seguir nosso diálogo por intermédio de Moisés que o percebe numa sarça ardente, e inspirar-nos em Elias, Buda, Gandhi, Luther King, Helder Câmara, e em amigos coletivos como os sem-terra, as mulheres,

---

2. *Les Mots*, Paris, 1964, coll. Folio, pág. 84.

3. Karl Barth, *Wolfgang Amadeus Mozart*, 1756/1956, Zurich, 1956.

os indígenas, os negros e crianças. Superando a imagem de um Deus Todo-poderoso encontraríamos um Deus totalmente Outro, capaz de nos amar sempre primeiro. Como diz o apóstolo João em sua epístola:

... Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele quem nos amou e envio-nos o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados. (*João* 4, 10)

Por este seu Amor de entrega compreenderíamos que não possuir poder não é um demérito divino, mas a manifestação plena de sua comunhão com a humanidade em função da plenitude de seu projeto. Aprenderemos a rezar no fundo de nossa alma àquele Deus que é todo gracioso e terno, e que por nos se entrega a si mesmo.